



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

14 DE MARÇO DE 1964
ANO XXI — N.º 522 — Preço 1\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAGO DE SOUSA * FUNDADOR: Padre Américo * VALÉS DO CORREIO PARA PAGO DE SOUSA * AVENCA * QUINZENÁRIO
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS * COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

Aniversário

Escrevei como quem reza, dizia-nos muitas vezes Pai Américo.

O Gaiato é uma Oração. Oração viva e actual. Oração rezada por e para toda a nação. Uma oração actual a favor de toda a comunidade: pobres, ricos, remediados, doentes, são. Oração com sabor para todos. Fala da vida do Pai e dos filhos; das relações de amor de uns com os outros. Por isso, com sabor para cada um.

Para uns serve de livro de meditação; para outros de leitura espiritual. Há quem lhe chame livro de horas; e também quem o use de breviário. Se faz vibrar é atómico; se encanta é famoso; se quebra inércia é revolucionário; se fere a consciência é perigoso. Tem o sabor de cada um.

Vai completar a sua maioridade ao serviço da comunidade portuguesa. Bem merece um galardão. Do Senhor cremos que o tem; de muitos homens, também. Vinte anos ao serviço do Amor e da Justiça. Quantas campanhas tem levado ao fim! Quantas almas acordou! A quantas vidas deu sentido!

Não queremos saborear os frutos. Isso não é da nossa conta. Da nossa conta é escrevê-lo como quem reza. Deixemos que os frutos sejam com o Pai Celeste e que Ele os deixe colher aos irmãos.

«Leio «O Gaiato» desde o primeiro número e nunca deixei nenhum em vão. Sempre lhe achei o mesmo gosto, fosse escrito pela pena rica e original de Pai Américo, seja-o agora pelos seus continuadores. Encontrei-lhe sempre o mesmo sabor: sabor a divino. Não sei de que secção gosto mais, pois todas elas são cheias da presença do Senhor. Prefiro-o a qualquer leitura e agradeço-vos muito todo o bem que têm feito à minha vida».

Este testemunho é o testemunho de todos os nossos Amigos.

Que o digam os Amigos do centro, onde «O Gaiato» entra pelos vendedores: Coimbra, Luso, Figueira da Foz, Leiria, Tomar, Miranda do Corvo, Lousã, Castelo Branco, Fundão e Covilhã. Que o diga especialmente o amor com que muitos, nestas terras, recebem os nossos em casa ou à mesa. Que o diga a atenção de particulares ou empresas que nos oferecem as viagens.

Continua na OITAVA página

O ar gaiato do «Stiek» e a risonha face do Raimundo — cores de pele diferentes, num abraço que é realidade fraterna.



ÁFRICA

CADA novo jornal que me chega, traz-me o mote do que hei-de escrever para o seguinte. Tem sido assim desde que ando por cá, longe das leituras de revisão, de perspectiva tão material. Talvez por isso eu acho n' «O Gaiato» um sabor primitivo. As crónicas das Casas de Africa, sobretudo, certamente porque retratam um começo, sabem-me aos primeiros números do Famoso, quando a Obra era só a Casa de Miranda do Corvo ainda sem os dentes todos e Pugo de Sousa mal saída do berço.

Estas crónicas revelam a alegria inerente a toda a construção, naquele que projecta e realiza. Os problemas multiplicam-se, as dificuldades avolumam-se. Há sempre, porém, uma solução, tão mais gostosa quanto mais complicado o seu achamento.

Em Africa — como em quase todas as Casas na Me trópole — principiámos sobre ruínas. É um principiar total, que mais prende e apaixonava. Cada ár en que se liberta de capim e se destronca, em ordem a uma cultura aproveitável ou à implantação de um prédio, é uma descoberta que se faz e uma meta que se atinge. E quando o móbil deste espaço não é o interesse imediato e pessoal, antes o bem de muitos e o melhor bem, que é o do espírito, de que grau de pureza e de que intensidade se não

reveste esta alegria! É a que transpiram os nossos padres, que vieram por amor da terra e das gentes, não para se servirem, mas para servir.

Que tristeza me faz, ao contemplar por este mundo além, obras começadas por uns que outros suspendem ou destroem só porque não são suas desde o primeiro pensamento que prometia gerá-las! De mistura com os seus defeitos, muitas teriam positivas qualidades, esterilizadas pela sucessão dos homens que passam em desrespeito pelo labor criacional dos outros!

Em terras onde a comissão de uns tantos anos, (poucos, em geral) é o sistema, este atropelo verifica-se com mais frequência. Como pode amar e dedicar-se o homem que sabe de antemão que não colherá os frutos da sua sementeira e prevê, até, a recusa dos outros à colheita? O homem destinado a passar não se fixa,

Continua na OITAVA página

Festas

A antecipação necessária no fazer desta, por via do número de aniversário começar a sair da máquina mais cedo, não deixou transcrever o eco da notícia da nossa Festa em Viana, Guimarães e Aveiro.

Daqui nos chegou há dias uma carta muito grande e muito interessada de alguém que se sente lesado e pretende exprimir o sentimento da cidade de Aveiro se ali não vamos. Já dissemos que sim. Esperamos para isso que todos os nossos Amigos de lá estejam em Casa como no ano passado.

Atenção a Setúbal. A cidade n.º 3 em população que seja a primeira em coração para a Casa do Gaiato, que tem vivido tantas horas de sacrifício heroico e escondido no coração do Padre Acílio. Que dizer a Coimbra senão que o nosso maior desejo é dar e receber alegria pela vossa presença na nossa Festa?

Para já temos datas certas — Coliseu do Porto, 16 de Abril e dia 21 no Monumental, em Lisboa.

Padre José Maria



Benguela

A hora do correio é hora sempre apetecida. Graças a Deus, as notícias que nos chegam são abundantes e felizes. Esta:

«Aqui lhe mando quinhentos escudos para o seu mealheiro, afim de mandar fazer uma casa para o seu cozinheiro Joaquim. Se ainda o mealheiro não foi estreado, que este lhe sirva de fermento. Vão mais 500\$00 para o que for mais preciso».

É de Lisboa. Nem a distância, nem o tempo podem quebrar os laços que nos unem a todas as almas boas. A Caridade esclarecida desconhece barreiras. É universal. Abre os corações à medida do mundo. Não distingue o «grego do troiano», nem faz questão de raças. Vê irmãos em necessidade, que precisam de quem lhes dê a mão. E tu? Vem com tuas notícias também.

Zangas e zaragatas. Há-as, a cada passo, cá por casa. Se numa família pequena nem sempre tudo corre em paz e sossego, entre os irmãos, filhos

de ter a sua graça o dito do Xico — «eu já sou um homem!»

Até os cães são figuras típicas nas nossas Casas. De tal modo se afeiçoam aos rapazes e vice-versa que se tornam «amigos» inseparáveis.

Sucedeu, há dias, que a «Laika» teve dois filhos. Não queiram saber o que foi cá em Casa. Não se fazia outra coisa senão visitar os lindos «bébés», num caixote muito bem empalhado que o João lhes arranhou. João, que tem os 18 anos à bica, é seu tratador mor. Não faz questão de madrugar, quando pressente que algo de anormal se passa com os seus «amores». E, depois de se levantar, é para eles a honra da sua primeira visita. Mas há mais:

«Laika» aparece coxa de uma pata. Todos, à uma, são médicos e enfermeiros. «Manel da Creche», muito dorido com o sofrimento da «Laika» corre, pressuroso — na inocência dos seus 12 anos — a pedir água oxigenada, mercuro-cromo e uma ligadura. Ele mesmo se apresta para o curativo. Que cena!

Eu não estava. Foi bom não estar, pois, podia ter a tentação de julgar desperdício o que «Manel da Creche» pediu. Mais de uma vez me apeteceu afastar os cães da nossa casa por causa dos «abusos» a que dão ocasião. Mas não. Desde que tomei conhecimento do que se passou, não o farei, por amor do «João» e do «Manel da Creche». Antes quero continuar a ralar com eles quando o seu zelo pelos cães passar das marcas. Antes quero ter a alegria de os ver, nas horas vagas, a tratá-los com tanto desvelo e carinho.

Venda de «O Gaiato» — Vendo da Alfândega de levantar os jornais. São mil e já não chegam. Precisamos de mais.

E o transporte? As contas feitas vão além dos 600\$. Mais de 600\$00 pelo transporte de 1.000 «Gaiatos»!!! Pagamos na altura do despacho. Pagamos ao levantá-los na delegação da D T A. Pagamos na Alfândega.

Que fazer? Pedir. A nossa missão é pedir para dar. Pedir aos T. A. P. que tenham pena de nós! Será demais pedir o transporte gratuito? Não desanimamos. Continuaremos a bater à mesma porta, até que se nos abra ou feche de vez. Só depois iremos bater a outra.

Angola merece e precisa. Mil jornais já não chegam. Vamos para os 1.500.

Quero dar-vos conta do que pusestes em nossas mãos: mil, de Lisboa, com palavras que muito nos animaram. Não tenha receio, pois tudo cá vem ter. A lembrança do costume da «Avó de Moscavide» que, mesmo de longe, não se esqueceu. 20, do Porto, de alma jovem «que sofre e pede». Mil na «C. B.». E outros mil que, ora mesmo, nos vieram trazer. «Uma migalhinha de 100\$00» que uma pessoa muito nossa de Ambrizete oferece «Com muito amor e simpatia» e mais 50\$00 para a assinatura de «O Gaiato».



Vista tirada da galeria de que se fala na outra foto. O pórtico a avenida de mangueiras que se vêem à esquerda serão, se Deus quiser, a entrada e o eixo da futura Aldeia.

Aproveitamos para lembrar que temos conta aberta em nome da Casa do Gaiato em todas as Agências do Banco de Angola. Já não há, pois, problemas de transferências de dinheiros para pagamento de assinaturas e outros donativos. Basta que nos mandem o talão de depósito.

Mais 50\$00 que pessoa amiga nos meteu no bolso. E 4 vezes 100 que os vicentinos recolheram em sua Assembleia Geral. A Fina pôs à nossa disposição 200 litros de gasoil por mês. A «Sacor» seguiu-lhe os passos. E da Mobil esperamos o mesmo. Mas os motores consomem-nos, para já, cerca de 1.200 litros. Vamos bater à porta da Shell. Confiamos. Dentro de dias, assim o esperamos, teremos telefone. Pessoa muito amiga pôs em nossas mãos um cheque de 500\$00 para custear as despesas de instalação que vão além

dos 2.500\$00. Se quisesse ajudar-nos também... Temos mestre de pedreiro a levantar paredes. Fomos pelos tijolos. A Companhia dos Cimentos do Lobito marcou presença com 50 sacos de cimento. Não queires pôr alguma coisa de teu nesta casa dos filhos de ninguém que por isso são de todos?

Sementes. Temos pensado muitas vezes em «A Sementeira» do Porto, onde entrávamos, pedíamos o que precisássemos e estava tudo liquidado. Temos necessidade de muitas sementes. Não poderás ajudar-nos também?

Casa do Gaiato de Benguela

P.e Manuel António

Visado pela
Comissão de Censura



Uma perspectiva da galeria que dá entrada à Casa. Quase ao fundo o nosso «Cobras», que, à passagem do Equador, virou de novo João Evangelista.

do mesmo pai e da mesma mãe, que dizer de uma família com as dimensões da nossa, que ultrapassa os 60? Por isso não é de estranhar. O contrário sim.

Um dia destes, tomava o café, muito descansado. Cá fora, no corredor, Xico mais os seus companheiros, passava roupa a ferro, muito «Senhor» do seu papel. Enquanto trabalhava, gosta de cantar.

Dum momento prò outro, a música muda de tom e em vez do fado sai viva discussão. — «Olha prò tipo a querer mandar nos velhos! Eu já sou homem!...»

Que sucedera? Xico, que tem 14 anos, recebeu uma ordem do Carlitos que tem 12 e não levou a bem. Apressava-me a repôr as coisas no seu devido lugar, quando verifiquei que tudo aquilo era na brincadeira. Mas não deixa

O QUE NOS DÃO No Jornal

É sempre difícil enumerar o que nos dão. O espaço limitado, a falta de tempo e as omissões involuntárias são, muitas vezes, responsáveis de tal facto. Contamos com a vossa compreensão e, de resto, quem dá com a mão direita não quer que a esquerda veja...

Obrigado aos Irmãos no sacerdócio que nos abriram as portas das suas igrejas, numa visão bem católica das nossas necessidades, sem receio de que lhe pudessemos fazer concorrência. As suas Obras e Paróquias hão-de, necessariamente, prosperar, na graça de Deus e em bens deste mundo, ao serviço do Alto e dos homens. Nas Caldas 3.920\$00, em Cascais 9.160\$00, na V. do Pinheiro 876\$00, em S. Mamede 7.202\$00 e na Malveira 394\$50. De S. João de Brito trouxemos 35 contos e não heijámos as mãos do Paároco porque disso fomos impedidos. Os velhos Amigos da Mobil,

de Lisboa e de Luanda, sempre presentes, todos os meses; de L'Air Liquide, «um grupo reduzido de empregados», idem. No Saldanha, mensalmente, 40 litros de gasolina da primeira das Empresas citadas.

De assinaturas: 100, 250, mais cem, outra vez 100, mais 50, novamente 100, 500 e ainda mais uma vez 100. Sim, minha Senhora, em Paço de Sousa não se zangam por pagar aqui o jornal. Os assinantes podem e até deveriam desobrigar-se uas Casas do Gaiato mais próximas!

No Montepio muitos e muitos embrulhos: camisolas, cobertores, roupas novas e usadas, sapatos, brinquedos, colheres e selos. Depósitos em dinheiro também. Tudo pode ser aí entregue, pois há lá gente dedicada que informa onde e como. Tudo o que de lá trazemos segue o rumo desejado.

«No 50.º aniversário do Ma-

rido», mil, a traduzir muito amor conjugal; «de uma rapariga amiga da Obra», 500; de um casal anónimo, à nossa porta, 12.500 escudos, «se possível para uma casa ou para o que fôr mais necessário»; 500 para os paramentos de África, entregues por mãos dedicadas; de Senhora muito amiga, mil; de A. Solano, 100; da Praça de Damão, tantas vezes atenta às nossas dificuldades, 500; de «alguém», 50 e a pergunta: «precisam aí de rádios?» «Ora, se precisamos», disse-me um dos Rapazes!

Para Missas 70, 50, 500, mil, 100, mais 40 e mais 50. No Montepio, para o mesmo fim, várias quantias. Cumprimos.

De Cateadrático que não nos esquece, 500 mais mil e muito amor; de Senhoras inglesas, do Estoril, 620, 50, mil, roupas, mercearias e muitas ou-

Continua na página SETE





São três meses de presenças as que aqui estão. E a partir de Outubro do ano passado. Muitos nomes vão no rol. Outros escondem-se. Muitos quantitativos se expressam. O valor real, porém, nem eu o conheço. Só o Pai. E Ele guarda o segredo.

Mãe de sete filhos é mensal com cem. Serafim com metade. Mãe com o primeiro ordenado do filho, e «vai como prometia». Assinante com 750\$ e outra com 500\$. Acácio com 400\$. Álvaro com 500\$. Mário com 200\$. Com uma migalha avó que tanto sofreu. Amélia de Vila Real com 300\$. Etelvina com 50\$. Anónima da rua das Papoilas com migalha habitual. Regina com promessa. Mãe com cem e Fernando com metade. Viúva com 500\$ por alma do marido. Anónima dos Açores com outro tanto. Doente para doentes com presença mensal. M. do Resgate com cem e Portuense com o dobro. Raúl com o óbulo mensal. É do Porto e não tem faltado. A que nunca nos esquece «gostava que comprássemos bolachas para os doentes». Doadora de sangue com presença costumada. É da Foz. Acácio tornou. Firmino vem com 200\$. Zé ninguém com mil «que juntei de economias e creiam que lutei bastante para o enviar». Zé Pereira com 300\$. M. José com 500\$. Aposentado com 200\$. M. Amélia com 500\$. Quem há muito deseja vir aqui quis enviar prenda com muito amor. Amiga da Obra, de Algés, com 500\$. Pecadora com 500\$. Assinante 33.582 com mil. Outro com 300\$. Celeste de L. Marques com outros mil. José Alves diz que é aqui que encontra estímulo para sofrer. Não é aqui: é em Cristo que sofre por aqui. Mãe Elisa com 200\$. Alguém com dois mil e «o meu gosto é de quem precisa de se desobrigar e não há lugar para agradecimento». Trata-se de médico do Porto a quem muito devemos e que afirma muito nos ficar a dever. Vá lá o mundo entender este trocadilho! Não entende. São negócios de amigos. Maria da Luz com migalha. L. S. também. M. Tenreiro com camisas. Alguém com esta quadra acompanhada de nota de mil:

*Rezo todos os dias
as contas do meu rosário.
As minhas economias
vão pros doentes do Calvário.*

Mão escondida com 500\$. Amadeu com 20\$. M. Ferreira com cem. Anónimo com cinco vezes mais. Tobias com 300\$. Maria com cem. No Moutepio de Lisboa, Raúl com 600\$. 11.ª prestação da casa «do Meu Zecas». Assinante com

300\$, pecadora com 900\$, Virgínia com cem, pecador com 600\$. Esteves com 300\$, e Adelaide com cem. Maria de Braga com outro tanto. Raúl e Isaac e Adriano e Lídia com presenças amigas, algumas mensais. Comparecem muito certinhas e sempre iguais «Portuense qualquer» e a «Humilde portuense». E ó tempo! Uma «Nulidade» com cem. M. Elvira vem completar o que faltava para ofertar cama completa. M. Leonor com óbulo. Sara com outro. Senhora do Porto com 500\$. Seruya com mil. É de Lisboa. E dali também outras senhoras com 200\$. Maria Manuela, igualmente da capital com a sua presença mensal, por via da Rosária. «Oferta» costumada. Senhoras do Porto com 500\$ e marmelada. P. e Horácio com 1.400\$ que lhe entregaram em Coimbra. P. e Acílio com cem de Setúbal e P. e Luis com 10\$ da capital. Três amigas do Porto com 130\$. J. Pereira com 500\$. Senhor do Porto, em momentos vitais da sua vida familiar e de negócios é aqui presente com renúncias que dão sentido cristão ao seu agir. Professora após colocação desejada com 600\$. Idalina com cem. Senhores de Gondomar com 500\$. Pecadora que espera protecção divina. Senhoras de Guimarães com 150\$. Avelino com 50\$. Emília de Lisboa com mil. Condiscípulos de Médico do Porto com 600\$ em sufrágio deste. «Humilde portuense com a quota dobrada desta feita». «Ninguém» apresenta-se. Emília da Tr. da Portuguesa faz o mesmo com mil. E quantas vezes o tem feito ela! Oporto Ladies Guild com mil também. Abaixo as barreiras dos credos e das fronteiras! A fraternidade humana essa sim! Mãe alentejana com roupas. Carolina com cem. Carolina do Luso-Angola repetidas vezes com 500\$ e embrulhos de roupas e mimos. Tão longe e sempre tão amiga! G. Pereira com lençóis e 500\$. Visitantes com 500\$, com 350\$ com outros 500\$, com cem, com metade. «Portuense qualquer» com 140\$. M. Helena de Coimbra com 250\$. Outra Maria com cem. Mãe de defensor da pátria com 330\$, Antonieta com cem.

De Bragança 20\$. Da Régua 500\$. De Aveiro e de Lisboa cem. Do Canadá dez dollars. Da Guarda 400\$, «para confortar os doentes e para receber a alegria de consolar os outros». Do Porto mais 20\$. De Nampula 50\$. De L. Marques o dobro. Da Amadora dois mil. De Caxarias capa alentejana. Do Luso, roupas de Berta. Do Porto 140\$. De Coimbra 500\$. Da

Por PADRE BAPTISTA

capital o dobro. De Fafe o mesmo que de Lisboa. De V. Franca 500\$. Maria com outro tanto da capital. Da Golegã 250\$. O mesmo de Coimbra. Do Espelho da Moda 500\$ e cem e muitas parcelas de amigos. Da R. de S. Bernardo 500\$. Da Damaia 500\$. De Melgaço 125\$. Do Porto 500\$. No Lar 400\$ mais 500\$. De Penafiel 500\$ e de Lordelo cem.

Do Porto, este postal:

«Nesta data ficaram depositados no Banco Espírito Santo, em nome da Casa do Gaiato, 3.000\$ que se destinam à obra do Calvário.

Muito agradecia que me desse a saber, através do jornal, se foram recebidos, para tranquilidade minha».

Em momentos de aflição 500\$. «Pelo doente que tanto sofreu» presença mensal. «Para os nossos irmãos doentes» também presença muito costumada. Azeite para o S. S. Donativo escondido de 500\$. Outro de 200\$. E outros e outros que nem eu registei. «Em memória de minha mãe e de Ti Aurora». Em vésperas de intervenção cirúrgica. «Em sufrágio de ente querido». Por

ter deixado de fumar três meses. «Pela saúde de meus filhos aí vão 500\$». Todos aqui trouxeram o pensamento mais a alma. Promessas. Recados. Pedidos. Gritos de alma, aqui chegam veementes.

De Loriga cobertores. E quantos mais deles não precisamos! Por alma de Celeste 250\$. Por alma do Roberto 500\$. Aos 83 anos do marido, cem para os doentes. Aos 33, 34, 35 meses do neto aqui vem o Avô amigo. Vai logo em 3 anos. Que constância!

P. S. — São dois os recados que ponho aqui. O primeiro é referente a nova casa em acabamento. Não tem placa. Nem nome. Nem dono. Destinatários, sim. Doentes dos mais precisados de isolamento. Quem a quer fazer sua?

Segundo é relacionado com novo empreendimento que estamos para começar — o cemitério. Nunca pensara que também seria preciso. Mas eles são tantos os que partem daqui, que não vemos outro remédio! Se alguém o quisesse fazer por mim, livrava-me de aflições e canseiras em demanda de quem me deite a mão. Vai chamar-se Campo-Santo, porque santos os que nele vão repousar. Será lugar de peregrinação e de fé. Já o amo e ainda ele está só no pensamento.

não poderá ser atendido, pelo menos por estes tempos mais próximos, em virtude do nosso Conselho de Administração ter deliberado dar prioridade à concessão de outros subsídios que considerou de mais urgente satisfação.

Apresentamos a V. os nossos atenciosos cumprimentos».

No ano findo, a quando da celebração do Dia da Misericórdia, aqui em Viseu, fui recebida pelo Senhor Doutor Azeredo Perdigão que teve a bondade de subtrair às muitas ocupações próprias do dia o tempo preciso para me ouvir sobre «Belém» e compra da Casa Nova.

Fiquei então a conhecer o critério adoptado pela Fundação, na concessão de subsídios: É importante que as Obras tenham já adquirido certa estabilidade, que tenham estatutos aprovados oficialmente, que dêem garantias de continuidade, que haja fundos.

Ora «Belém» nasceu e desenvolveu-se, ao longo dos seus cinco anos de existência, contra todos os cálculos humanos, e começou mesmo ao contrário do habitual em obras de assistência: sem fundos, sem um corpo directivo, sem montagens de máquina burocrática.

Estatutos aprovados oficialmente, teve-os desde os dois meses de idade, graças à pronta compreensão e apoio do Ministro da Saúde e Assistência, Dr. Martins de Carvalho, a quem «Belém» muito ficou devendo.



Aqui transcrevo parte duma carta há pouco recebida dum dos muitos Beneficentes que tomam a peito a solução dos problemas de «Belém».

«Também sei que o encargo das novas instalações se vai reduzindo. E talvez em tempos eu tenha sugerido o que segue: Dirigir-se ao Ex.mo Senhor Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, Avenida de Berne, Lisboa, expondo o vosso caso, a necessidade, etc. Eu perguntei lá como podia isso ser feito, disseram que seria necessário enviar carta, exposição e pedido de auxílio. Talvez conviesse enviar também uma colecção de Gaiatos onde se contenha a história de Belém».

Acredito, Senhor Doutor, que não seja a primeira vez que nos vem lembrar tal pedido, pois têm sido tantas as cartas recebidas a abordar o assunto, que já nem sabemos quantas.

Eis os extractos de mais algumas.

«Já pediu alguma ajuda à Fundação Gulbenkian? Não deixe de pedir, pois com certeza que será atendida, dados os fins em vista. O Doutor Azeredo Perdigão não é aí de Viseu?..»

«Porque não expõe as necessidades e projectos da Obra à Fundação Gulbenkian? Dela é que poderá conseguir-se um bom auxílio. E que bem empre-

gado será! Nós, os particulares, vamos dando sempre para uma Obra que nos é tão cara, mas as nossas bolsas, são pequenas...»

«Uma das coisas que me tem admirado é que ainda não tenha conseguido ajuda da Fundação Gulbenkian... Ainda não pediu? Olhe que eles têm dado para isto e mais aquilo e aqueloutro. Não deixe de pedir!...»

E mais, muitas mais cartas, a estranhar, a sugerir, a informar sobre os fins e possibilidades da dita Fundação.

Só temos a agradecer tanto interesse e aqui está a minha resposta:

Eu já expus e fiz o meu pedido. Foi logo em fins de 1961, quando foi decidida a compra de novas instalações para Belém.

Eis a resposta recebida: «Acusamos a recepção da carta de V., a que prestámos a melhor atenção».

Relativamente ao pedido nela formulado, sentimos muito ter de levar ao conhecimento de V. que, não obstante todo o interesse que o assunto nos mereceu,

quanto ao mais, as suas credenciais são os muitos Amigos e Beneficentes, espalhados por todo o Portugal Metropolitano, Insular e Ultramarino e até pelo estrangeiro. São estes que lhe garantem todo o necessário apoio moral e material. Todo o necessário, repito, pois as suas esmolas cobriram sempre as despesas do dia a dia, ao longo dos seus já mais que 5 anos de vida, de modo que nunca houve dívidas.

«Vingue bem isso, na sua nova exposição. É muito de considerar o facto de «Belém» ser já tão conhecida e apreciada e amada, apesar de tão nova» dizia-me, à despedida, a Esposa do Senhor Doutor Azeredo Perdigão, tão compreensiva e simpática, que decidiu vir em minha ajuda, durante a nossa troca de impressões, com certo sabor a polémica.

Estávamos já à porta do Hospital da Misericórdia. O Doutor Azeredo Perdigão, que já tinha seguido para o carro, voltou atrás, a dizer que não queria que

Continua na página SETE



Colaboração

Este número de aniversário, como habitualmente, é enriquecido por muitas cartas que vamos recebendo, ecos da doutrina que «O Gaiato» difunde.

Muitas deliram com as notícias que damos, e o seu regozijo vai a ponto de se desejar grandes êxitos à maneira do mundo, ou então, sim a nosso modo, na conquista discreta das almas e corações para o Amor único e universal.

Quantos de perto ou de longe, necessitam da sua presença. Até do agitado Congo, onde a segurança falta, nos chegam anseios de que não falte «O Gaiato», pois «ele leva a alegria (amor) onde tudo é penoso (ódio)». Pois se ele agita interiormente pelas chamadas constantes ao amor do próximo... e alguns sem poderem dar, procuram dar-se. Outros de tal modo se dão, que se dizem pertencer à Obra—e a fazem sua, escrevendo hinos de beleza à beleza que descobrem na sua alma, incendiada pelo «O Gaiato». E tomam por falta grave a demora no satisfazer a assinatura, fazendo sacrifícios edificantes para a pagarem, dando como quem reza.

É isto «O Gaiato». Como que um Santuário onde os romeiros rezam a Deus e põem as suas generosas ofertas ao próximo: «sabe tão bem ajudar quando nos falta o mínimo para viver». Este heroísmo é segredo impenetrável para os que não amam verdadeiramente a Deus. E também para os que não têm Cruz ou não amam a que têm, «porque a Cruz identifica-nos com Ele» que nos faz descobrir e saborear estas grandezas.

E a quantos «O Gaiato», ao falar dos filhos de ninguém, ensina a amar imensamente mais os próprios!

«O Gaiato» como alguém escreve «uma face polida que reflecte as lições do Evangelho» é alento na amargura, é amor de Pobres a Pobres, é «leitura de meditação e purificação que fala das verdades de Jesus Cristo com Verdade nua e crua», embora nem sempre tanto e quanto pretende.

Que não haja escândalo farisaico se até um Sacerdote da nova Lei ao pagar a sua assinatura dá «graças a Deus por mais um ano de doutrina» aprendida nas suas páginas.

Aqui tendes, pois, «O Gaiato» em Festa convosco!

P.e José Maria

OBRA DA RUA

A Cruz aproxima-nos de Cristo

«Vão 30\$00 do assinante n.º 30.439. A sua assinatura é de 50\$00, mas é completamente impossível seguir hoje essa quantia, que sendo pouca, representa muito para quem está agora sem o pão de cada dia. Os 20\$00 que faltam e mais alguma migalhinha que se possa arranjar seguirão logo que seja possível, mesmo com sacrifício, que como neste momento reverterá em nossa felicidade. Sabe tão bem ajudar o próximo mesmo quando nos falta o mínimo para viver!

Quem vos escreve acabou de ter uma grave tragédia monetária na sua vida, mas compensa-a Deus com muitas graças espirituais no seu lar e por isso continua a ser feliz. A Cruz aproxima-nos de Cristo, identifica-nos com Ele. Eu que nunca me esqueci de vocês e da vossa grande Obra, hoje mais unida me sinto a ela.

Que Deus a todos vós abençoe e dê muita saúde aos vossos Padres e todas as graças de que necessitarem».

«Com efeito o vosso postal aviso de 16 do corrente tem inteira razão.

Não foi nem vontade nem desmazelo que originaram o meu atraso; foram dificuldades e cansaças. Falta de dinheiro e obrigação de o gastar.

Seja como for quero estar em dia como tantos dos meus colegas assinantes e como não o desejaria tratando-se da vossa (nossa) Obra.

Perdoai se, acompanhando-vos há já bastantes anos, considero a Obra como alguma coisa a que também pertenço. Não fui Gaiato e já não tenho idade de poder concorrer, se isso fosse possível, a essa estimável identidade.

Nós que estamos de fora vemos e admiramos a Obra e o resultado do que o saudoso Padre Américo pregou, pediu e aconselhou.

O nosso «Gaiato» quando abordava um dos muitos problemas que todos os dias surgem fazia-o com clareza e pondo bem ao alto o seu pendão com a ajuda de Deus pelos rapazes e para os rapazes. Talvez que não seja esta, exactamente, a legenda da «Casa do Gaiato». Mas se não é, pertence-lhe inteiramente a ideia.

Deseulpei mais uma vez a demora em satisfazer a assinatura e tanto mais, que as minhas dificuldades são, afinal, as de todos vós».

O Jornal tem-me agitado

«Ao princípio assinava, mas não lia; depois comecei a ler, e que bem me tem feito! Sou uma ovelha que se tresmalha com muita facilidade, mas o vosso jornal tem-me agitado, é este o termo próprio.

Sou empregada, bastante doente e tenho a minha vida de casa, mas, que pena tenho de não haver aqui uma obra do Calvário vosso, para eu me dedicar a ela nos períodos em que as minhas forças me permitissem. É que, propriamente em Lisboa, não há nada vosso a que possa dedicar tempo, pois dinheiro nem sempre é possível.

Estou a tentar de vez no caminho recto, mas, desde pequena, os escrúpulos não me abandonam o que me prejudica muito.

Peço-lhes uma oração, e que Deus vos dê sempre o ânimo necessário para tão grande Obra».

A Messe é grande...

«Empolgado com o «salto» para África!

A messe é grande e a maioria dos «operários» não se atreve a sair para o «quintal». Mea culpa...

Deus acompanhe as duas

«irmãs» mais novas e que outras se sigam em breve.

Que o exemplo seja fecundo e que ajude a desenraizar o nosso egoísmo de missionários sem Missão!

Junto as minhas orações. Os melhores cumprimentos dum egoísta».

Migalha sem «peneiras»

«Envio esta pequenina migalha mas isto sem «peneiras». Sr. Padre é uma grande parte das minhas economias que neste momento estão esgotadas. Prometo mandar mais quando possível fôr».

«Atendendo à solicitação de V. incluo alguns selos do correio, usados, que, espero, serão do agrado de V.»

Pretendo enviar-lhes, também, por estes próximos dias, o correspondente, em moeda portuguesa, à assinatura do «Famoso», como o chamam, e com justa razão, aí, o qual chega-me regularmente. Só lamento que o aviltado câmbio me coloque quase em situação de constrangimento quanto ao valor que irei remeter. Situação, é de crer, que não deveria perdurar.

De uma coisa, entretanto, poderão estar certos, é de que não há palavras que possam traduzir quanto o sublime da Obra cresce em nossos corações, no de minha esposa e no meu».

Inquietação SACERDOTAL

«Recebi ontem o Famoso, de 26-X. Só agora compreendi o motivo da sua viagem: A Obra da Rua em Angola — que bela notícia! Mas gerou em mim um sentimento de inveja: para quando em Moçambique? Pai Américo que em Moçambique passou alguns anos da sua juventude há-de, por certo, querer voltar. Oxalá não demore!

Fico a pedir a Deus pela Obra da Rua em Angola. Sobre tudo para que consigam imunizar-se contra o «paludismo racista». Ele é tão fácil iludirmo-nos neste ponto!... Só nos primeiros meses sabemos descobri-lo. Depois... começam os olhos a enevouar-se-nos!

Se esse perigo for vencido tudo o resto será mais fácil. Gostaria de poder contribuir para os frutos de Angola, mas torna-se-me um pouco difícil pelas minhas dificuldades económicas e até pelas dificuldades cambiais. Pensei numa forma. Dir-me-á se é exequível: Comprometo-me a celebrar mensalmente cinco intenções, que reverteriam a favor da Obra de Angola. É pouco, mas não me é possível, por agora, ir mais além. Para evitar escrever todos os meses poderiam vir 30 ou 40 de cada vez num total de 60 por ano. Será possível? Espero uma resposta afirmativa e as suas orações por mim.

Como só possuo Barredo e Doutrina gostaria de ter todas as outras edições da Obra da Rua. Se fosse possível serem-me enviadas, agradecia.

Quando vier a Moçambique e chegar ao Molôcué ou a Nam-pula gostaria de saber para ir abraçá-lo.

Parece-me ser o P.e Manuel António a ficar em Angola. Se assim é dê-lhe um abraço por mim.

Pedindo desculpa de roubar-lhe tanto tempo faço votos de que tenha óptima estadia em África».



dos Leitores

O FAMOSO

Tenho pena de ser tão desmazelado...

«Lamento imenso não saber redigir uma carta em conformidade com o que gostaria de vos dizer, pelo que sinto.

Tenho pena de ser tão desmazelado no cumprimento das minhas obrigações para convosco, pois não paguei a minha anuidade de 1962 e não sei se mais alguma atrasada, por isso peço se digne dizer-me depois deste vale, da quantia de 50\$00, em que condições está a minha conta corrente».

«Pedir desculpa, não pode ser, por isso peço perdão para a minha falta.

Só agora, sempre deixando para amanhã, cumpro com um dever: Pagar o que devo.

Devo a assinatura do «Gaiato» de 1963;

Devo o envio de 100 cartões de visita;

Devo prometer não voltar a deixar-me embalar por tamanho descuido.

Para que seja desculpado o envio tardio, quero somente garantir que «O Gaiato» não é esquecido, o mesmo será dizer todos os rapazes, que ao domingo à saída da missa cumprimento e ajudo a desfazerem-se da carga em papel impresso, transformando-a em carga monetária, dentro das minhas possibilidades.

Para os colecionadores vão alguns selos que foram recordados da minha correspondência. Pouco são mas não tenho mais por agora.

Ao terminar, faço votos pelas prosperidades da Obra grandiosa do Pai Américo, o mesmo será dizer pela sua continuação e muitos mais admiradores para ela».

«Junto incluo vale de correio de 100\$00 para pagamento de mais duas anualidades.

Logo que a massa não chegue, apitem.

Um simples postal e tudo fica resolvido».

«Junto a esta encontrará um pequeno cheque que se destina aos Pobres que têm a caridade de proteger.

Se fosse possível, muito grata ficaria se me enviassem alguns jornais de «O Galato», num pacote registado, por via marítima.

Antes da independência do Congo o vosso jornal chegava com regularidade; actualmente não sendo registado, extravai-se. E como para registar todos os números se torna dispendioso e trabalhoso, peço a um dos vossos rapazes a caridade de me enviar, de vez em quando, um pacotinho. Mesmo atrasados trazer-nos-ão alguma alegria... nesta terra onde tudo é penoso... actualmente».

LUZ E VIDA

«Recebi da Administração de «O Gaiato» um aviso de que a assinatura de meu filho está em débito. Possivelmente os pequenos gaiatos a quem tenho entregado se esqueceram do nome, mas isso não tem importância nenhuma porque a assinatura do Gaiato vale muito além daquilo que se paga com dinheiro. É luz e vida daqueles que se deixam tocar pela graça que ele derrama nas suas páginas. A assinatura é de meu filho como digo já, e inclusos vão 200\$00 para ela, porque eu também me aproveito. E perdoem-me terem-se já passado uns meses, mas vamos a ver se no próximo Dezembro eu a entrego a um gaiatinho a seu tempo num envelope e com o endereço e nome como deve ser».

«Pedia o grande favor se tornavam em consideração esta mudança para que o jornalzinho não se perca e eu não deixe de receber algum, o que imensas tristezas me dava.

Sou a assinante 29445.

Uma admiradora fervorosa».

Esperado com ansiedade

«Junto envio 50\$00 para desconto da minha dívida em atraso, do envio do vosso estimado jornal, que é sempre esperado com ansiedade, pois é na sua leitura que tiramos a coragem para enfrentar os embates da vida.

É salutar, no meio do turbilhão do mundo, cada vez mais confuso, ler as palavras simples e despretensiosas de que o vosso jornal vem cheio, mas grandes, belas, repletas de amor ao próximo.

Peço-vos uma oração, para que Deus me deixe criar as minhas três filhinhas e poder um dia ir aí, que é o meu grande sonho, mostrar-lhes essa Obra grandiosa, que é o orgulho dos portugueses».

O espírito de Pai Américo continua vivo

«É sempre com prazer que em minha casa se lê os artigos sempre edificantes que o jornal contém, não faltando interesse para as notícias tão «saborosas» das várias casas, dessa Obra.

Mais interessante do que os artigos, é o que as notícias pessoais das várias casas, é o notar-se que o espírito do Padre Américo continua vivo nos rapazes e nos dirigentes da Obra, e, se não temesse ser exagerado, diria que nos leitores do jornal.

Creio que já lhe tirei mais do que o tempo necessário e lícito para quem quer enviar dinheiro, e ainda para mais pouco ou nenhum, pelo que me subscrevo fazendo os melhores votos pelo progresso da Obra do Gaiato e pedindo a Deus as melhores bençãos para quem a dirige, ficando sempre ao dispor».

Óbulo da Viúva

«Tem esta o fio participar a triste notícia do falecimento do meu querido e saudoso marido. Era um grande amigo e admirador da Obra da Rua. E por ser assim tão bom é que Nosso Senhor me privou da sua companhia, e o levou para junto de Si. Foi uma provação muito grande para mim, mas mais mereceria eu!... Que Nosso Senhor me leve tão grande desgosto em desconto das minhas faltas. Graças a Deus, estou conformada com a sua santa vontade e ainda me resta uma esperança, a de nos juntarmos um dia no Céu!

Peço o favor de me dizer se há em atraso o pagamento de algum ano e quero continuar com a assinatura».



Um quadro vivo da nossa Aldeia — a expedição do Famoso.

«Junto remeto 100\$00 para pagamento da assinatura do vosso jornal a todos os títulos Famoso.

Famoso, pela maneira simples e clara como é redigido e por isso acessível a todas as inteligências.

Famoso, pela doutrina que encerra, pela luz que irradia e pelo muito que consola a alma de todos aqueles que têm a dita de o lerem e possuírem.

De todo o meu coração vos agradeço o não terdes deixado de me enviar com regularidade o vosso e meu querido jornal, apesar de me ter atrasado tanto com o pagamento.

Atribuo o atraso mais a um desleixo do que propriamente a um grande desastre que sofri e do qual resultou a amputação do braço direito, pelo que me vejo agora forçado a escrever com a mão esquerda.

Peço-vos que vos lembreis de mim nas vossas orações, para que Deus na Sua infinita misericórdia se compadeça de mim e me dê forças para vencer todas as dificuldades.

No próximo mês enviarei 50% da quantia que ora vos envio, como pagamento dos juros que a mim me impus, para não voltar a ser tão desleixado. Como eu gostaria de poder! (não no sentido de ser rico) para ajudar essa boa Obra, digna de ser ajudada por todos os que podem. Que Deus vos dê forças para prosseguirdes n'Elá para bem da Humanidade, para bem de Portugal».

«Recebi hoje «O Gaiato» que cada vez acho Maior e Melhor, e eu sinto-me tão pequenina perante esta Grandeza, que nem sei dizer nada.

Junto envio 50\$00, para pagamento da assinatura de «O Gaiato». O resto é para ajudar o que mais necessidade houver nesta altura.

Deus dê vida à Obra, é o que do coração lhes desejo.

Peço desculpa da minha demora no envio do dinheiro. Mas nem sempre é como desejamos».

«Sou o assinante 28.992. Quis o destino conceder-me a honra de também servir a Pátria no Ultramar. Foi no dia 26 do passado mês de Agosto, o meu embarque para a Província de Angola.

O jornal que enviaram para a minha terra natal, terão de fazer o favor de o passar a enviar para Luanda.

Tenho a certeza que eu e os meus homens ficaremos bastante satisfeitos ao recebermos o «Famoso».

Obrigado».

«Desleixei-me no pagamento da assinatura do benfazejo «Gaiato». Depois da minha incorporação no Exército fiquei sem possibilidade alguma de enviar a respectiva importância. Faço-o agora enviando a quantia referente ao meu pré e imploro o meu perdão desta minha falta».

COLISEU

16 de Abril

Às 21,30

DO

PORTO

Os bilhetes para a nossa festa já estão à venda: dias úteis no Espelbo da Moda, R. dos Clérigos, 54 e todos os dias nas bilheteiras do Coliseu do Porto.



PELAS CASAS DO GALATO



PAÇO DE SOUSA

A Senhora D. Helena agradece-nos a generosa correspondência ao apelo feito em «O Galato» de 18 de Janeiro de 1964.

Pediamos uma máquina de tricotar. A máquina veio. A Senhora exultou de alegria! E os Gaiatos estão servidos. Muito obrigado Senhora D. Helena!... Que Deus lhe pague!...

— Agora que temos máquina nova, falta-nos lá.

Aproveitamos a ocasião para agradecer à Casa Deltrilá no Porto, a lá que nos ofereceu. Quem lhe quer seguir o exemplo?

Faz-nos tanto jeito! Camisolas! Mandem-nos lá de toda a espécie e qualidade. Cá não há distinções!...

Camisolas. Máquina e quem a faça de boa vontade, já nós temos. Falta-nos a lá!

— Vindo de Angola, onde permaneceu cerca de dois anos ao serviço da Pátria, chegou o nosso «Quim Pequeno», como lhe chamamos cá em casa.

Como de costume não houve festa alguma. Como é que nós podemos festejar a chegada de uns, se para o lugar deles partem outros?! O que não quer dizer que a chegada do Quim nos não alegrasse. Antes pelo contrário! Alegrou-nos muito por ter chegado são e salvo.

— «Tira-Olhos» é rei e senhor da paródia cá no sítio. No passado dia 1 de Março, completou as suas 20 primaveras.

Alegre e bem disposto como sempre, «Tira-Olhos» convidou-nos para festejar os seus anos. Fomos. Saboreámos os petiscos. E conversámos animadamente. Aproveitando a oportunidade, lembrou-se de me dizer: «Já sabes que tens de fazer uma reportagem dos meus anos!» Está bem. Não te atrapalhes, atalhei.

— Não te esqueças também de dizer aos Senhores que eu preciso muito de um acordeão. Lembra-lhes também a necessidade que temos de instrumentos musicais!

— Para que são esses instrumentos?

— Ora essa. São para formarmos um conjunto! Sabes que eu tenho jeito para isso...

— Mas então...

— Deixa-te lá de treta. Põe isso no jornal que é o que interessa! Sabes que eu ainda quero tirar a vez ao conjunto Jorge Costa Pinto!...

— Está bem. Os leitores certamente te compreenderão e não se devem esquecer de ti, nem dos instrumentos musicais.

Fausto Teixeira

Benguela

O Sr. Padre Carlos, que veio connosco da Metrópole, chegou há dias de Moçambique.

Passados dias, Srs. Padres resolveram sair.

Domingo de manhã depois da missa, dirigi-me para a minha camarata a fim de guardar o missal quando o Sr. Padre me pergunta

se eu estava arranjado. Eu respondi que sim, estava com a roupa habitual do domingo.

Então prepara-te para saíres connosco!

Às nove horas foi a partida para Sá da Bandeira.

Esta viagem correu às mil maravilhas. Parámos em Quilengues cerca das catorze horas e meia para comer alguma coisa que tínhamos levado.

Passados trinta minutos seguimos o nosso destino, aonde chegámos às seis horas e meia da tarde. Entrámos na cidade e logo nos dirigimos para a casa do Tio do Sr. Padre Carlos, onde jantámos e dormimos.

Eu não sabia o significado da nossa viagem, mas logo fiquei a saber. Numa das coisas que o Sr. Padre Manuel falava mais, era na colocação de bananas, mais nada. Não poderão os leitores, pegar em papel e caneta para alegrarem o Sr. Padre Manuel?... Como? Mandando dizer que querem bananas.

Na segunda-feira, visitámos a Casa dos Rapazes daquela cidade, e demos voltas por outros assuntos.

Na terça-feira, às oito horas, estávamos em marcha para a magnífica cidade de Nova Lisboa. A cem quilómetros de viagem, primeiro furo. A dez quilómetros de Vila Branca, partiu-se uma peça da embraiagem, por via da qual não podíamos andar. O que fizemos? É simples. Meti-me debaixo da carrinha e apertando uma mola conseguimos engatar numa velocidade e com esta fomos até à Vila. Já soldámos a peça e remendaram o pneu. Enquanto esperámos, cerca de uma hora, aproveitámos para almoçar. Daqui seguimos estrada bera, cheia de covas, etc. Ao chegarmos ao Cuima, a estrada era boa e aproveitámos. Como eram já horas de comer, foi mesmo dentro da carrinha que o fizemos.

Daqui em diante foi depressa. Chegámos a Nova Lisboa às dez horas e trinta minutos da noite.

No dia seguinte Srs. Padres foram falar com o Sr. Bispo.

Nesta cidade Sr. Padre Manuel tratava de negócios, porque as coisas no Litoral estão muito caras.

Conseguimos através de um amigo arranjar quem nos venda batatas.

Sr. Padre depois só falava em cebolas, feijão de vagem e rasteiro. Não temos mas precisamos para semear e depois colher de maneira que chegue para todos. Quem nos ajuda neste ponto?

Só saímos da linda cidade, na quinta-feira pela manhã. Quando nos dirigimos para a velha carrinha deparámos com um pneu em baixo. Em Vila Verde remendou-se este. A caminho da Ganda outro furo. Porquê? Os pneus estão de uma maneira tal que qualquer coisa os fura.

Na Babaera almoçámos e logo seguimos o nosso destino. A cem quilómetros de Benguela, eram onze horas da noite, outra avaria. Esta maior. Sr. Padre conseguiu com um fio prender uma peça e lá viemos até casa, por um fio. Chegámos à cidade às duas horas da madrugada.

Assim terminou a nossa viagem de negócios, e eu vou dar também por terminada esta crónica, lembrando os leitores que esperamos a vossa ajuda.

João Evangelista

MIRANDA

Estamos chegados às sementeiras. Por enquanto andamos com a plantação de eucaliptos, depois então começaremos a batata, milho, feijão, etc.

As nossas ervas não produziram quase nada, porque o tempo não deixou; enfim, nós não somos quem mandamos. Aceitamos de boa vontade o que o Senhor nos dá.

No passado dia 7 visitaram a nossa Casa os alunos do Colégio Infantil, de Coimbra, com o seu Director. Quiseram que fosse uma romagem de caridade.

Eles visitaram a nossa casa, oficinas e na Capela tiveram uma cerimónia religiosa e um dos alunos colocou em cima do altar um envelope com a oferta de todos. Aproxima-se o meio dia e é vê-los com os seus farnéis fazendo uma festa ao comerem no nosso campo de paínagem, onde aliás praticamos Hóquei em campo, porque ainda não temos patins. E no fim do almoço, como é costume, realizou-se uma partida de futebol, em que perderam com os nossos miúdos. O árbitro foi o Sr. P.e Horácio que ligou pouco ao desafio.

— Estamos quase no movimento do tempo das festas e não temos ainda programa, nem tão pouco ideias para ele. Já me têm dito: «ó pá» é tempo de começarmos a desenferujar os nossos instrumentos». E eu tenho-lhes perguntado quais instrumentos. Pois não temos nenhuns, apenas uma flauta, mas essa está sempre em boa forma. Agora falta desenferujar esses que os leitores têm em suas casas e não se servem deles. A nós faziam-nos muito jeito. Se houver algum leitor que tenha por aí algum que nos queira dar, nós agradecemos. Qual dos leitores é o primeiro a dar um instrumento para o nosso Conjunto Podióóóó Chamá-lo? Desde já muito obrigado.

João Fernandes

SETÚBAL

Zé Maria foi prá vida militar. Serve no Centro de Instrução da Carregueira.

Os fins de semana vem passá-los a casa. E com que alegria ele chega! Fala dos oficiais superiores, e gaba os cabos que o ensinam. Diz ele que é tudo gente de educação. Quem dera que todos pudessem dizer isto com verdade!... não teria a Pátria tantos filhos tremalhados.

— EMPREGOS — Numa família tão numerosa como é a nossa, é sempre dor de cabeça colocar os nossos rapazes, dado a pouca compreensão de que temos sido alvo cá em Setúbal. E nós precisamos de quem nos compreenda tal como nós somos. Precisamos de empregos prós nossos que vão fazendo a instrução primária. É necessário que o Rapaz vá trilhar e ver em factos, aquilo que nós hoje lhe dizemos em palavras. Para se viver a «Vida», é preciso caminhar onde haja actividade. O passarinho filho precisa de voar.

Quem dera que Setúbal compreendesse que nós viemos da rua e que podemos ser «homens» se eles nos amarem e compreendem.

Mais dois que vão dando conta de si: O «Grilo», que está na Serralharia Jordão; e o «Português» que trabalha na Fábrica de Pentas. Que eles saibam corresponder com brio e honestidade, para que outros

«Alijó» é um dos rapazes mais travessos. Um caso típico. Topa a tudo, está em toda a parte. Bastante novo ainda, 11 anos, — mas malandro refinado.

Aqui há dias, depois de ser chamado a contas pelas suas aventuras, soubemos que «Alijó» também fumava. Perguntámos onde caçava o dinheiro pró tabaco:

— São os Senhores que vêm ver a Casa.

— Então tu não sabes que tudo o que nos dão se entrega a quem de direito?

— Sei; mas os senhores dizem assim: «toma; isto é para a Casa, e isto é para ti»...

Erro!

Chamo a atenção dos nossos Visitantes para a ge-



○ «Alijó»



VISTAS DE DENTRO

nerosidade que têm individualmente pelos pequenos. Só os prejudica. E fá-los cair na tentação.

Nada falta ao rapazes. O que recebem é de todos e para todos. A nossa Obra não quer criar nem sustenta vícios, mas sim, tirá-los. Por isso, solicito a todos os Visitantes para quando oferecerem qualquer donativo, o façam colectivamente e não individualmente. O que os nossos rapazes recebem é de todos e para todos. É da Obra.

O Carnaval foi divertido. Principal vítima — o Sr. Padre José Maria: à noite, quando recolheu ao quarto, encontrou todos os móveis em cima da cama! Teve um trabalho medonho — pois todos dormiam. E desenrascou-se sem qualquer ajuda. E, como

isto não bastasse, o interior do leito mais parecia uma salgadeira!

Agora, anda morrinho por pagar as favas. Mas o Carnaval já lá vai e portanto não vale, heim!

Mas houve ainda mais paródia. A Srna. D. Virgínia foi contra um armário que lhe puseram no caminho e ficou manca! A Srna. D. Sofia apanhou um grande susto. Manuel Pinto andou enfeitado quase todo o dia sem dar por isso! Carlitos apanhou um banho dos pés à cabeça! E o Ave-lino de tantas que lhe fizeram até ficou «doente»! Enfim, um Carnaval de categoria!

Um dia destes um casal que nos visitou pela primeira vez ficou admirado por saber que aqui todos os rapazes têm a sua ocupação e o seu ofício.

«Pensávamos que tinham escola e nada mais», disseram.

Não meus senhores. Para a valorização do rapaz, o trabalho é um dos melhores incentivos. Cada um, depois do exame da 4ª classe, escolhe a sua profissão.

O TRABALHO — Muitos dos nossos rapazes não compreendem o porquê da nossa insistência para terem amor e apêgo ao trabalho, à oficina, à sua ocupação. Mais tarde compreendem. E, então, avaliam melhor que a nossa insistência foi em proveito próprio.

O prazer maior da Obra e a salvação do Rapaz; do «inválido» que era recuperá-lo — valorizado sob o ponto de vista moral e profissional — para a Sociedade para Deus.

Cont. na página

patrões nos ajudem e nos compreendam.

MULETAS — De madeira, pois claro. Nós temos dois fogões que queimam toda a espécie de lenha. Pois nestes últimos dias, têm-nos dado dela velha. E que grande jeito nos tem feito esta lenhinha! Quando nos falta é dia de desordem. O atraso do comer provoca outros

atrasos. Mas quando falta a lenha vamos às muletas. Começou pelo mais pequenos, e os bigodões entraram na faina. Ontem, fui do com o Bento, de muletas, a tent subir os degraus que dão ao corredor. O Bento foi dar o nome é o chefe dos pedreiros, é homem

Ernesto Pinto



OBRA DE RAPAZES PARA RAPAZES, N.º 103-105

O QUE NOS DÃO

Lo Tojal

Cont. da SEGUNDA página

tras coisas, boas e úteis; de um casal protestante inglês, 2.000; de outra Senhora dos mesmos credo e nacionalidade, várias importâncias; da R. de Olivença, mil; «por uma graça, ao Padre Américo», 20; no Lar, por quem não é a primeira vez que lá vai, mil; a um vendedor, cem; de alguém, da Embaixada Inglesa, mil e camisolas.

Da Farmácia dos Combatentes, em Algés, quase sete notas e meia de cem, em remédios e muita delicadeza no dar. Deus não desampara quem diz que «quanto pudermos, não deixaremos de ajudar!» Da mesma localidade, todas as quinzenas, carne para os nossos Rapazes. Pão, à porta, de Amigos de Oliveiras; da Parede, muito carinho, amor e roupas, de quem se intitula «serva dos Pobres»; de Aleobaça (?), «a mensalidade prometida a uma das Casas do Gaiato, mas que, não sei porquê, se inclina sempre para o Tojal». Em nome de todos, muito obrigado por tamanha predilecção! De novo, uma Senhora inglesa, com mil; dos Empregados da Nestlé, tão assíduos, 424\$50, dos meses de Julho a Setembro de 63; «uns pòzinhos» de quem tanto amou e ama os Rapazes do Tojal.

Senhor americano, 500; família inglesa, com duas bolas oficiais para os nossos futebolistas; de novo, Senhoras americanas, com 125 pares de sapatos, uma deliciosa merenda, um jogo de bonecos, várias bolas, dinheiro, mercearias e roupas. Obrigado pelos filmes e cá aguardamos a máquina de projectar que lhes pedimos!

Donativos de 20 e 50; da freguesia dos Anjos, a costurada contribuição mensal; pela Mãe Irene, muitas e variadas ofertas e assinaturas; da Câmara de Loures, 3.000; de uma Protestante inglesa, todos os meses, 50; de assinatura, 100; entregue aos vendedores, 50; das Caldas, muitos selos e uma máquina de barbear; de uma Senhora francesa, 30; do assinante 2.774, 600; donativo em vale, 200; da T. W. A., 150, de E. B. da Cunha, 100; do assinante 13.888, 30; das Senhoras da Voluntary Service, muito assi-

duas, roupas, açúcar, dinheiro e bolos.

Da C. Reguladora do Bacalhau, dois fardos do dito! Deus guarde o nosso saudoso amigo Eng. Higinio Queiróz e todos aqueles que lhe seguiram as pisadas! De um grupo de Senhoras escandinavas, chocolates, ovos, açúcar, chouriço, carne, feijão e batatas; de uma visita habitual, nos períodos que antecederam as grandes datas, 500 e brinde das melhores (damos graças a Deus pelas suas melhoras); de Senhora alemã, no Dia da Mãe, muitas dúzias de bolos; no mesmo dia, uma merenda-jantar, como de costume, dada por uma Senhora portuguesa, muito nossa; muitos bolos, também já esperados, de amigos de Lisboa; chocolates deliciosos — que bons que eram! — e uma carta delicadíssima dos funcionários dos Serviços Mecanográficos dos C. T. T. (Com pessoal assim, as máquinas devem render o dobro!).

Por hoje nada mais. Tudo somado, em 1963, passaram pelas nossas mãos mais de mil e cem contos, só em dinheiro! Ficamos espantados com a misericórdia de Deus, afinal tão palpável no dia a dia do nosso viver! Cereia de 10%, apenas, veio-nos de Organismos oficiais, o resto, do trabalho dos nossos Rapazes e da ajuda do Povo. Graças a Deus por tanto bem recebido.

PADRE LUIS

BELEM

Cont. da TERCEIRA página

o tomasse por Velho do Restelo, nem que as suas palavras fossem para mim causa de desânimo. Que seguisse com coragem.

Sobre esse dia já correu cerca de um ano. Não desanimei e prossegui. Mas fiquei à espera que os factos comprovassem as minhas afirmações e justificassem a minha esperança.

«Belém» mudou-se para quin-

BARREDO

Há tempos que por ali não passava. E ainda há mais que não ia à Rosinha dos pés podres. Recebeu-me com um beijo. E depois de a ouvir lastimar a sua dor e sobretudo o seu abandono, entreguei-lhe aqueles remédios que alguém de Ovar mandou. Ao vê-los ficou radiante. O seu mal tem-se agravado tanto que os dedos quase se não conhecem. Naquele dia venderam-se ali em frente numa casa de penhores os seus bens. Daquela janela onde estávamos, via-se; e ela chorava por não ter tido dinheiro nem sequer para os juros. Agora lá se foi tudo.

Por debaixo de nós deslizam os carros suavemente a caminho da Ponte que leva a Gaia. Por ali vai passando muita gente que desconhece aquela dor. A dor da mulher que vive do que Deus lhe manda e alimenta muitas vezes a fome com os trapos levados ao prego.

A Rosinha já foi mulher; já foi alguém. Hoje é uma irmã sofredora. Por isso me soube bem aquele beijo e este agora, repenicado, que me deu antes de partir. Que bem me souberam aqueles beijos. Foi um dia de beijos. Beijei muitos pequenitos e pequenitas nos antros do Barredo. E a primeira a seguir foi a filhita recém baptizada por trinta e cinco escudos, daquele homem a quem morreram dois numa semana. Estava em casa. Com a chuva, nem pôde sair para o trabalho. É na Foz, a hora e meia de caminho. Eu levava um embrulho chegado há dias do Seixal. Dei-lho: que abrisse. Abria e sorria. Cada peça, cada encanto. Vinha para ele e a mulher e sobretudo para a filhinha. Tantas coisas. Tão contente... e eu ainda mais ao ver e gozar a alegria deles.

Logo ao sair a porta, são muitas as vozes a chamar-me. Elas dizem: «sr. doutor, chegue aqui faça o favor» É um homem de muitos anos e muito sofrer. Doi-lhe o corpo todo. «Não me posso virar nem mexer para lado nenhum». A mulher está no Hospital com um mal muito ruim informam as vizinhas. «Ele também devia ser internado, senão qualquer dia morre sem ninguém dar fé». Quantos

dias que não come nada: Alguém já fez um peditório na rua para ajudar, mas agora já ninguém dá. Aquela hora a ceia vai ser um pouquinho de café. Eu medi a idade, o sofrimento, a resignação e vi nele o Homem das Dores. E disse que não senhor. Que dali em diante iam ser três refeições de leite por dia. E desci por ali abaixo com uma vizinha. Entrámos na taberna da Rosinha ou Rosa Padeira como é conhecida e encomendei. «Sr. dr. pode estar descansado. Eu sou uma mulher séria». Depois pedi para me trocar umas notas afim de continuar a visita. Enquanto espero von lançando os olhos. Poucos fregueses. Dois casais com seus filhos parece que esperam lhes sirvam a ceia. Outros poucos acabam de comer. Três ou quatro a tagarelar. Um mais perto de mim oferece-se e eu aceito para ir trocar o dinheiro porque ali não havia que chegasse. Antes de ir deixei-me esta frase que vai direitinha aos que me ajudam a ir ali: «abençoados passos que o sr. dá». Parece estarmos em terra firme. O mesmo notei na taberna da «Mãe preta». Não há sujidade, mesmo moral, apesar de ser Barredo. Não há vinho a mais, pelo menos naquela hora. Fiquei contente e continuei. Ao subir vejo pela porta aberta muitos numa cama. Ao descer entro; a mãe está fora, o pai na cadeia. São oito naquela cama. Pegam-me pelo braço para entrar noutra porta. Há dois, um nascido há dias e outro no berço. O pai na prisão. Ali à heira mais oito já conhecidos. O pai no mesmo sítio. Mais perto mais quatro, e a mais velha de quatro anos. Os outros três ainda não andam. Um é recém-nascido. «Quer este menino?» Eu senti que os queria a todos. Senti que os amava todos. Ao descer os últimos degraus, uma pequenita de bata branca, pés descalços, vem da escola, pára a olhar-me e diz boa noite. Eu não andava só. Tinha ido outro comigo. Outro de quem eu falava e que falava por mim. Outro que beijou e recebeu beijos. Eu experimentei aqueles momentos plenamente consciente de que ser padre é ser Cristo.

Padre José Maria

Cont. da 6.ª página

Eu estava no Salão em preparativos para uma Festa. Melgaço chega e diz: — Vêm aí uns senhores que querem saber alguma coisa a respeito da Casa. Desci. Eram os repórteres da «Flama» que vinham fazer uma reportagem sobre a nossa Obra. Lá fomos dar uma volta à aldeia. O fotógrafo tirou várias fotografias e o jornalista entrevistava.

Respondemos o que sentíamos e o que sabíamos. Por fim, faltava uma

Vistas de dentro

foto. Mas à saída do portão eis que surgem os nossos Batatinhas com suas padiolas. O fotógrafo foi oportuno. Disparou e a malta seguiu à sua vida.

Diz logo o Celso muito risonho: — «A nós estão sempre a tirar fotogra-

fias, aos grandes ninguém lhes liga!» Corta o Tomarzi: — «Tu não vês que nós somos os Batatinhas?» Eis a palavra que define importância cá em Casa. Mas nem em todo o lado é assim. O orgulho e o egoísmo dos homens não querem que assim seja. Nós aqui sim. Apalpamos a Caridade real; sentimos como seria belo que os grandes se baixassem para se fazerem mais pequenos. E todos nos sentiríamos mais irmãos.

Américo dos Santos

MONUMENTAL

DE LISBOA

Bilhetes à venda

21 de Abril

Às 18,30

Secretaria do Montepio Geral
Ourivesaria 13 — R. da Palma, 13
Lar do Gaiato — R. dos Navagantes 34, r/c — Telef. 669451



Cantinho de MALANJE



Por
PADRE
TELMO



Ao fundo, entre as árvores, o grupo de casas onde ora residimos. O ponto de vista e o primeiro plano são no local onde vai ser a nossa Aldeia.

Veio a baptizar um pequenito de três anos. A mãe tem quatro, cada um de seu pai. As duas irmãs mais velhas acompanharam-no e pegaram nas velas. Vivem, pobremente, numa sanzala do Dondo. A mãe lava roupa para os homens da barragem.

As senhoras da Conferência descobriram-na e rodearam-na — a ela, à cubata e aos filhos. «Não pode ser!» E vão atirar com os mais pequenos para uma creche, a mais velha, não sei pra onde.

Como o tronco tem boas raízes, na sua primavera, dará mais rebentos, que outras senhoras cortarão para outras creches.

Quando poremos nós o remédio na raiz?

José, vai em paz e o Senhor seja contigo.

As duas pequenas apagaram as velas. Fiz uma carícia ao pequenito. Que olhos meigos! Todo o dia dentro de mim aqueles olhos meigos.

Onde está o pai do José?

Que esforço faz a lei e a sociedade pra encontrar o pai do José?

Fiz este apontamento há

três anos na barragem de Cambambe. Hoje 16-II-64, aponte na minha agenda:

Passámos P.e Carlos e eu pelo Abrigo dos Pequeninos na cidade de Salazar. P.e Carlos levou para a nossa Casa de Benguela o João, um pretinho muito vivo e simpático, que não sabe onde estão os pais. No meio dos pequenos, um menino muito triste... perguntei-lhe:

— De onde és?
— Do Dondo.
— Tu és irmão do Aníbal?
— um gaiato da nossa Casa de Paço de Sousa.
— Sou sim senhor.
— Como te chamas?
— José.
— Leve-o para Malanje — disse sr. P.e Carlos.

Vou trazê-lo. A Casa do Gaiato será para ele, só um remédio. O ideal seria que o pai aparecesse.

Que apareça, vindo de qualquer canto da nossa grande Pátria e tenha a coragem de dizer — este menino é meu filho. «José!» E os olhos tristes e cansados do José ganharão vida.

Padre Telmo

Cont. da PRIMEIRA página

nem ama. O processo, por contra a natureza, falta-lhe com os estímulos necessários a todo o empreendimento de fôlego. Ele dá-se a tarefas primárias, epidérmicas, que lhe atribuem, ainda dentro da comissãozinha, proveito material ou louros. Começar o que se não pode acabar e não será acabado, não vule a pena.

Pobres das terras e das gentes que precisavam de amor por redenção, quando regidas por um sistema em que a descontinuidade é a regra. Ele será assim, certamente, porque o sistema também tem vantagens. Mas creio

Africa

que resulta de uma perspectiva mesquinha, em que aspectos negativos são mais preocupadamente defendidos do que os valores positivos, que, com vários riscos, seriam servidos por uma continuidade pessoal na acção. Que pena me faz ouvir, a militares ou civis, o «estou a acabar a minha comissão». Significa que não tarda que aquele homem

levante voos de onde pousou, sim, mas de alma ausente. E que pode fazer um homem no ar, senão coisas no ar?! Isto mesmo quando há isenção, e não se faz daquele período de «comissão» um tempo aparente de vacas magras, a preparar os dias futuros de vacas gordas.

Não é assim no seio da Igreja. Os seus homens, todos disponíveis nas mãos da Autoridade, mergulham em cada missão como se ali se fixassem para sempre. Tomam o facho, correm, correm por gosto e não cansam, e na hora própria, passam-no a outro que fará o mesmo com o mesmo amor.

Compreendo, agora melhor, a afirmação daquele homem público ultramarino, que a propósito da crise que andamos a sofrer, confessava: «Não sou praticante. Mas se não fôr da Igreja, hoje, já não vejo mais nada nem ninguém de onde possa vir a salvação».

mos há pouco, pelo telefone, o testemunho de uma jovem estudante da Universidade que foi premiada com uma quantia com que pode conhecer a Europa. Entre os alunos de curso tem-se falado em Pobres. Têm ido ver barracas e bairros de latas. Todos têm feito renúncias. Aquela jovem, que andava indecisa, acaba de se determinar: nem Inglaterra, nem Alemanha; é para casas para Pobres.

A Santa Mãe Igreja com seus novos movimentos, há-de empenhar-se na solução humana da vida de seus filhos. Ela foi e será sempre a Mãe. Novos horizontes se abrem e com eles as nossas esperanças.

Padre Horácio

PATRIMONIO DOS POBRES



No aniversário de «O Gaiato» e na data festiva do seu 29.º aniversário o Património dos Pobres não podia deixar de marcar presença e fá-lo com muita gratidão. «O Gaiato» tem sido o grande pregoeiro e o grande condutor deste fogo de amor.

Antes de começar a escrever, passámos os olhos pelas notícias dos últimos tempos e aquecemos o coração nas várias fogueiras que sabemos acesar.

«Elvas tem a grande alegria de comunicar a entrega de mais quatro moradias a quatro famílias necessitadas e com muitos filhos pequenos. Neste acto sem quaisquer manifestações, mas com toda a simplicidade, foi lembrada a memória abençoada de Pai Américo, que continua sempre presente nestas manifestações de pura caridade. Esperamos poder continuar esta cruzada de benfazer».

Também nós tivemos muita alegria nesta notícia e neste acto. Tudo como Pai Américo gostava, e por isso «ele continua presente nestas manifestações de pura caridade». Se houvesse festança, não.

Outra freguesia vizinha fala por seu Pároco: «Quanto a Património, aguardo melhores dias. Pode trabalhar-se, mas tem de ser primeiro trabalho de almas. Isto é estéril, completamente es-

téril como a figueira do Evangelho. Tenho de ver se arranjo ao menos uns figuitos... mas ando com o problema urgente da restauração da igreja, embora as igrejas vivas mais precisem ainda de... obras de reparação!

Por agora tenho de aguardar».

Oh meu Alentejo do sol a brilhar e plainos sem fim! Quanto nos choca vermos as tuas igrejas a dominar todo o povoado e hoje tão abandonadas! Quanto elas recordam tempos idos em que o teu povo era profundamente cristão e vivia feliz! Quando voltarás a sentir na alma da tua gente a Fé, a Esperança, o Amor dos teus maiores!?

Logo perto, Vila Viçosa anda aflita para acabar mais meia dúzia que levantou. Como nos custa ver à volta tantas riquezas, tantas moradias cheias de esplendor e vaidade e vicentinos com seu pároco a gemer a falta de colaboração de todos os seus conterrâneos!

Esperamos que Prior de Aleáçovas, tão impressionado com a miserável condição em que vivem muitos irmãos, tenha andado e, do seu andar e consumir, há-de aparecer a obra feita e almas restauradas em Cristo.

Samora Correia levantou o dedo. Ficámos preocupados com as

facilidades que já têm. Receamos que sejam estorvo. É mais fácil começar sem nada. As obras desta natureza começam do zero e da fé. O resto vem tudo a seu tempo. Deus queira que Samora Correia não tenha ficado à espera do... tempo perdido.

Pulemos o Tejo a contemplar mais casas entregues em Abrantes e façamos uma visita a várias freguesias dos arredores de Cernache do Bonjardim, onde irmãos vivem em currais e esperam que alguém lhes dê a mão para tornar decente a sua casinha.

Rio Maior com seus vicentinos vai aumentar o Património e enriquecer sua terra com mais casas para Pobres.

Fátima trabalha para destruir barracas onde muitos filhos da Mãe Celeste se acotaram na mira de quem dá a mão. Que depressa chegue o dia da urbanização geral e que todos tenham habitação cristã, para louvor da Mãe. Que os filhos criados que encham os caminhos de Portugal a possam louvar cantando: «Mãe de Misericórdia».

Loriga não parou mais e tem-se alegrado muitas vezes ao ver todos os filhos reunidos à volta dos mais pobres contemplados.

S. Domingos de Rana, Luso, Seixo de Mira, e outras começam a aquecer.

O Património dos Pobres é uma força que dinamiza as almas e queimava-as no amor. Ouvi-

